

## Observatório do Esporte Paralímpico: itinerários de um acervo virtual universitário

The Paralympic Sport Observatory: itineraries of a virtual university collection

Janice Zarpellon Mazo\*

Giandra Anceski Bataglion\*\*

**Resumo:** O objetivo deste texto é apresentar o processo de constituição do Observatório do Esporte Paralímpico da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O Observatório do Esporte Paralímpico foi constituído como uma plataforma virtual sobre as memórias e as histórias do esporte paralímpico brasileiro. Com o passar dos anos e o desenvolvimento de novas ações, além de produzir e de difundir conteúdos (audiovisuais e escritos), também passou a estabelecer interação, presencial e virtual, com o universo do esporte para pessoas com deficiência de forma ampliada, englobando seus familiares e profissionais, sobretudo, da área da Educação Física, bem como entidades. Diante disso, neste texto buscamos descrever as ações de caráter educacional, social e cultural realizadas até então. Para a fabricação do texto foram acessados documentos oficiais do Observatório, como o projeto inicial, os planos de ação e os relatórios anuais. No processo de apresentação dos itinerários do Observatório, relatamos ações que anunciam sua aproximação das três funções esperadas dos museus: a) Preservar; b) Pesquisar; c) Comunicar.

**Palavras-chave:** Museu Universitário. Esporte Paralímpico. Memória Esportiva. História do Esporte. Pessoa com Deficiência.

**Abstract:** The purpose of this text is to present the process of constitution of the Paralympic Sport Observatory of the Federal University of Rio Grande do Sul. The Paralympic Sport Observatory was constituted as a virtual platform on the memories and histories of Brazilian Paralympic Sport. Over the years and the development of new actions, in addition to producing and disseminating content (audiovisual and written), it also began to establish interaction, in person and virtual, with the universe of sport for people with disabilities in an expanded way, encompassing their family members and professionals, especially in the area of Physical Education, as well as entities. Therefore, in this text we seek to describe the educational, social and cultural actions carried out until then. To produce the text, official documents from the Observatory were accessed, such as the initial project, action plans and annual reports. In the process of presenting the Observatory's

---

\* Professora Titular da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID) e do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano (PPGCMH) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Doutorado em Ciências do Desporto na Universidade do Porto/Portugal. Mestrado em Ciência do Movimento Humano. Idealizadora e coordenadora do Centro de Memória do Esporte (CEME) da UFRGS. Idealizadora e coordenadora do Observatório do Esporte Paralímpico da UFRGS. Desenvolve pesquisas em história e memória do Esporte e da Educação Física; esporte paralímpico; esporte adaptado para pessoas com deficiência (PCD) e esporte para surdos. E-mail: [janice.mazo@ufrgs.br](mailto:janice.mazo@ufrgs.br)

\*\* Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Ciências do Movimento Humano (PPGCMH), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Possui mestrado e graduação em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). É integrante do Núcleo de Estudos em História e Memória do Esporte e da Educação Física (NEHME), do Observatório do Esporte Paralímpico e do Centro de Memória do Esporte (CEME) da UFRGS. É membro pesquisadora da Academia Paralímpica Brasileira. Atua e desenvolve pesquisas nas seguintes áreas: História e memória do Esporte e da Educação Física, Esporte Paralímpico, Esporte Surdos, Educação Física Inclusiva, Jogos e Brincadeiras. E-mail: [giandraanceski@gmail.com](mailto:giandraanceski@gmail.com)

itineraries, we report actions that announce its approach to the three functions expected from museums: a) Preserve; b) Research; c) Communicate.

Keywords: University Museum. Paralympic Sport. Sports Memory. History of Sport. Disabled Person.

## Introdução

Na contemporaneidade, é possível encontrar uma multiplicidade de instituições que podem ser consideradas museus, cada qual com os devidos enfoques em suas ações e funções, como aquelas de caráter mais preservacionista para coleções, outras com ênfase maior na pesquisa ou nas ações de educação da memória – termo adotado neste estudo na perspectiva da Memória Coletiva, de acordo com Maurice Halbwachs (2006). Assim, um centro de memória ou um centro cultural, por exemplo, podem se constituir em um museu. De igual maneira, isto se aplica aos repositórios digitais que possuem coleções e acervos sistematizados, seguindo os procedimentos da documentação de acervo museológico. Para fins deste texto, entende-se que, para além de ser uma instituição, o museu constitui-se em “um processo cujo objetivo é contribuir para a transformação de uma realidade não dominada pela comunidade num recurso útil para seu desenvolvimento, tanto presente quanto futuro” (VARINE, 2000, p. 23).

Os diferentes arranjos museais vêm obtendo uma representatividade e relevância social ainda mais expressivas devido à pandemia de COVID-19. Nota-se que são inúmeras as possibilidades de reinvenção na área museológica. Todavia, diferentemente de museus que foram constituídos no formato tradicional e, posteriormente, fizeram o movimento de inserção de suas coleções nos repositórios digitais (RIBEIRO; CAL, 2019), o caso que vamos apresentar neste estudo teve o espaço virtual como locus de preservação e de divulgação de acervos desde sua idealização. Trata-se do Observatório do Esporte Paralímpico, que focaliza o esporte, ainda hoje, “visto como diferente”, pois é praticado por um grupo minoritário – as pessoas com deficiência<sup>1</sup>.

Nota-se que a maioria dos acervos e arquivos se dedicam à preservação das memórias do esporte olímpico, conforme é possível verificar, por exemplo, no dossiê temático “Arquivos e Esporte”, publicado pela revista *Acervo* em 2014. No cenário internacional, de acordo com Sjöblom (2014, p. 14), o esporte está envolto em uma

---

<sup>1</sup> Pessoas com deficiência são aquelas que têm impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas (BRASIL, 2009, p. 27).

“obscuridade arquivística”, sem fazer distinção entre o esporte olímpico e o paralímpico. Talvez, no Brasil, a “obscuridade arquivística” seja proeminente no caso do esporte paralímpico<sup>2</sup>. Isto também é evidenciado no caso de países da Europa – embora reconhecida como o berço dos esportes paralímpicos –, como Portugal (SOUSA; CORREDEIRA; PEREIRA, 2014).

A fim de contribuir à diminuição dos esquecimentos e invisibilidades que permeiam o universo do esporte para as pessoas com deficiência no país, foi criado o Observatório, para o qual buscaremos descrever os processos museológicos atrelados as suas ações, considerando as noções de cultura(s) e memória(s). Nosso entendimento sobre o termo cultura está ancorado na perspectiva de Burke (2003, p. 16), incluindo “atitudes, mentalidades e valores e suas expressões, concretizações ou simbolizações em artefatos, práticas e representações”. As memórias, individuais e coletivas, conferem sentimentos e manifestações de igualdade e coesão nos grupos que compartilham da construção de determinada cultura (PELLEGRINI, 2009). Outrossim, segundo a autora (2009), as memórias também podem evidenciar diferenças culturais. Vale aludir a compreensão de que a memória não se restringe a “um corpo ou a um cérebro individual” (HALBWACHS, 2006, p. 71). Para o autor, toda memória é coletiva na medida que evoca reconstruções e representações do passado, influenciadas não somente pela dimensão individual, mas, amplamente, pela dimensão social. Nesta dinâmica, as memórias são construídas e recompostas a partir das relações interpessoais e das necessidades de determinado grupo social.

O Observatório foi concebido com base nos conceitos de cultura e memória aplicados ao fenômeno do esporte paralímpico. Neste campo, considera-se a circulação de distintas culturas, mesmo que o esporte paralímpico tenha como público-alvo as pessoas com deficiência. A prática esportiva para pessoas com deficiência, historicamente, foi silenciada e pouco difundida no Brasil, mesmo após o país ter sido representado por atletas na edição dos Jogos Paralímpicos de 1972. Durante décadas, as histórias e memórias do esporte paralímpico foram invisibilizadas no âmbito da sociedade brasileira<sup>3</sup>. Diante de tal constatação, foi idealizado o Observatório do Esporte Paralímpico, em 2015, com o intuito de preservar, pesquisar e comunicar as memórias do esporte praticado por pessoas com deficiência no Brasil. O Observatório

<sup>2</sup> É o esporte adaptado para pessoas com deficiência, identificado por modalidades esportivas que fazem parte do programa dos Jogos Paralímpicos – maior e mais representativa competição esportiva para pessoas com deficiência do mundo (BATAGLION; MAZO, 2020).

<sup>3</sup> Vestígios disto podem ser observados em espaços como a Galeria Olímpica, instalada na Arena da Amazônia – Vivaldo Lima, em Manaus/AM; o Museu de Esportes de São José dos Campos/SP; O Museu do Esporte José de Oliveira Barretto Sobrinho, de Itapira/SP.

é uma plataforma virtual que tem como objetivo produzir e difundir conteúdos (audiovisuais e escritos), bem como estabelecer interação, presencial e virtual, com o universo do esporte paralímpico. Trata-se de um espaço de preservação de memórias e reconstituição de histórias por meio de pesquisas de forma articulada às perspectivas contemporâneas das culturas digitais.

As culturas digitais, conforme Lévy (1996), têm influenciado, profundamente, a organização da vida humana no mundo. Este novo *modus* de ser e de estar social exige, também dos museus, novas formas de atuação e comunicação. Nesta direção, o Observatório busca articular atividades de pesquisa, extensão e ensino. E, de tal modo, além de atuar na salvaguarda e na divulgação das memórias do esporte paralímpico no país, desempenha funções no âmbito da formação, no ensino básico e superior, e da produção de conhecimento sobre o tema.

As ações buscam estabelecer diálogos entre a universidade e a sociedade, fomentando o acesso da pessoa com deficiência ao esporte e fortalecendo, conseqüentemente, o movimento paralímpico brasileiro. A organização de acervos, exposições, palestras, oficinas, dentre outras iniciativas sobre temáticas do esporte para pessoas com deficiência integram as atividades do Observatório. Atualmente, seu acervo digital, disponível para acesso na plataforma virtual do Observatório, conta com cerca de 60 entrevistas coletadas com atletas, técnicos(as), gestores e dirigentes do esporte paralímpico nacional; 14 documentários; teses; dissertações; trabalhos de conclusão de curso (TCC); artigos; capítulos de livro e trabalhos publicados em anais de eventos, sobre o tema<sup>4</sup>.

Após cinco anos de desenvolvimento de diversas atividades, entendemos que o Observatório está em condições de avançar para além da ideia original de uma plataforma virtual<sup>5</sup>. Trata-se, neste momento, de transformar o Observatório em um museu virtual, categoria também denominada “*cibermuseu*” (LÉVY, 2010; BEZERRA; OLIVEIRA; SERRES, 2016). Isto é, um museu que pode ser acessado por meio de dispositivos digitais como os computadores, *tablets* e celulares. Este conceito de museu ultrapassa os limites de espaço (físico) e tempo (data, horário), ampliando as possibilidades de acesso aos acervos e coleções, inclusive para os grupos menos

---

<sup>4</sup> Para conhecer os estudos, acesse o *site* do Observatório do Esporte Paralímpico: <https://www.ufrgs.br/nehmeparalimpico/>.

<sup>5</sup> A plataforma virtual do Observatório comporta um *site*, em que são disponibilizadas informações acerca da memória paralímpica brasileira para acesso público, por meio dos seguintes *menus*: Acervo Paralímpico (entrevistas; documentários); Publicações (teses, dissertações, trabalhos de conclusão de curso, artigos científicos, livros, capítulos de livro, trabalhos publicados em anais de eventos); Notícias (informações acerca das ações e publicações do Observatório).

representados nos museus tradicionais, por exemplo. Neste sentido, em nosso estudo, a compreensão do museu virtual está amparada no conceito cunhado por Lévy (2010, p. 49), para o qual o termo “virtual” consiste em “toda entidade “desterritorializada” capaz de gerar diversas manifestações concretas em diferentes momentos e locais determinados, sem, contudo, estar ela mesma presa a um lugar ou tempo em particular”.

Os museus, na maioria dos casos, são instituições que desempenham as três funções museológicas, quais sejam: preservar, pesquisar e comunicar – aspectos estes, com os quais o Observatório tem estabelecido aproximação. Todavia, elementos técnicos (no âmbito da informática) imperativos para a consolidação de um museu virtual, fazem com que, no momento de escrita deste texto, o Observatório seja caracterizado como uma plataforma virtual que se encontra em processo de transição a fim de se constituir em um museu virtual. Ressalta-se que a despeito de estarmos diante da “virada digital” (LUCCHESI, 2014), se faz necessário a obtenção de recursos financeiros para viabilizar o acesso as tecnologias disponíveis e a conformação do museu virtual.

Diante destas considerações, o objetivo deste texto é apresentar o processo de constituição do Observatório do Esporte Paralímpico da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Para a fabricação do texto, lançamos mãos dos documentos oficiais do Observatório, a saber: um projeto de pesquisa; um projeto de extensão; quatro planos de ação e seis relatórios anuais. Além disso, o próprio acervo digital do Observatório foi utilizado para fins de ilustração, sendo utilizadas 10 imagens representativas das ações elencadas ao longo do texto. A seleção dos documentos seguiu os critérios assinalados por Flick (2009): autenticidade, credibilidade, representatividade e significação.

As informações dos documentos supracitados foram organizadas em planilha do *software* Word, sendo dispostas as ações do Observatório com relação ao período temporal (mês/ano) de ocorrência e ao tipo (presencial ou virtual). Na sequência, se fez necessário selecionar as informações consideradas mais plausíveis à construção deste texto. Utilizou-se, como critério, a seleção de informações representativas da trajetória do Observatório, em alinhamento com as perspectivas museológicas adotadas em cada momento. Para a interpretação das informações, seguiram-se os procedimentos da análise documental, incluindo as etapas de fichamento, análise e cruzamento das fontes e seus vestígios (BARROS, 2012). Por fim, paralelamente à descrição dos caminhos percorridos pelo Observatório, foram estabelecidas discussões com base em referenciais da pesquisa museológica.

A fim de discorrer sobre o objetivo proposto, este texto está organizado em quatro tópicos, a saber: a) A idealização do Observatório do Esporte Paralímpico, no qual apresentamos o projeto e as ações que representam os passos iniciais à constituição do Observatório; b) Ações do Observatório do Esporte Paralímpico, em que elencamos duas ações desenvolvidas pelo Observatório à luz dos pressupostos de educação da memória a partir do movimento do museu até as pessoas<sup>6</sup>; c) Desafios do Observatório do Esporte Paralímpico em razão da pandemia, no qual descrevemos duas ações realizadas na perspectiva das culturas digitais, buscando dialogar com as potencialidades e os desafios à conformação do Observatório em um museu virtual; d) Considerações Finais, mencionando conquistas alcançadas pelo Observatório e perspectivas futuras.

### **A idealização do Observatório do Esporte Paralímpico**

O Observatório do Esporte Paralímpico foi idealizado no ano de 2015, como resultado do projeto de pesquisa intitulado “Memórias do Esporte Paralímpico no Brasil: um estudo sobre a participação de atletas brasileiros nos Jogos Paralímpicos (1972-2012)”<sup>7</sup>, coordenado pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Janice Zarpellon Mazo, e desenvolvido pelos estudantes de pós-graduação do “Núcleo de Estudos em História e Memória do Esporte e da Educação Física” (NEHME)<sup>8</sup>, da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Quando o referido projeto estava sendo concebido, a primeira etapa foi a realização de um levantamento, sobre a produção acadêmica de artigos, dissertações, teses e trabalhos publicados em eventos, relativo a museus do esporte e patrimônio esportivo. A busca ocorreu nas bases de dados “Portal de Periódicos CAPES”, “Catálogo de Teses e Dissertações CAPES” e “Google Acadêmico”. Os trabalhos foram selecionados a partir da leitura do título e do resumo. Os resultados da busca, atualizada no ano de 2020, constam nos quadros 1 (artigos), 2 (dissertações e teses) e 3 (anais de eventos), nos quais evidencia-se a prevalência de estudos sobre a temática do futebol

---

<sup>6</sup> Para fins deste texto, a educação da memória a partir do movimento do museu até as pessoas pressupõe o desenvolvimento das ações museológicas como exposições, mostras fotográficas, oficinas, palestras, rodas de conversa, dentre outras, em ambientes que transcendem o espaço físico do museu, como as escolas, as universidades, os clubes esportivos, as associações, bem como os canais virtuais.

<sup>7</sup> O projeto foi contemplado em edital de pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e do Ministério do Esporte no ano de 2013.

<sup>8</sup> Facebook: /NEHME.RS. Disponível em: <<https://www.facebook.com/NEHME.RS>> Acesso em: 26 fev. 2021.

em detrimento de outras práticas esportivas, bem como a ausência do esporte paralímpico como objeto de investigação no âmbito dos museus e patrimônio.

Autores	Título do Trabalho	Objeto de Estudo	Ano da Publicação
MAGNANI, J. G. C.; MORGADO, N.	Tombamento do Parque do Povo: futebol de várzea também é patrimônio	Futebol	1996
FERRÃO, A. M. de A.	Pacaembu: Patrimônio de São Paulo. Templo do futebol do Brasil	Futebol	2013
ZORZO, F. A.	A cultura urbana contemporânea e os estudos interdisciplinares – o caso do patrimônio cultural ligado aos megaeventos esportivos dos anos 2010	Futebol	2013
PENEREIRO, J. C.; CABRINI, F. P. H.	A visibilidade dos esportes e jogos por meio da filatelia brasileira	Selos esportivos	2013
GIANNACHI, G.; et al.	Time Trails: patrimônio digital em presença no nosso dia a dia	Futebol	2014
GUSSO, L. de C. S.; TOBAR, F. B.	O futebol e o discurso da patrimonialização cultural: consequências legais e econômicas em decorrência dos processos de tombamento e registros de entidades desportivas.	Futebol	2015
GONÇALVES, M. A. R.; PEREIRA, V. O.	Educação e patrimônio: notas sobre o diálogo entre a escola e a capoeira	Capoeira	2015
MELO, V. A. de; FONSECA, V. P. L.; FARIA, F.	Patrimônio Esportivo: Um tema de investigação.	Futebol	2017
MITIDIERI, M. C. de A.; ROCHA, L. M. G. M.	Patrimônio esportivo imaterial. Do mundial ao municipal: o tombamento do "bola pesada" em Niterói	<i>Hurling</i>	2019
NUNES, J. R.; FIGUEIREDO, S.	Referências culturais e patrimônio: o Mangueirão, em Belém, PA	Futebol	2019
BEZERRA, M. F.; CURVELLO, P. H.; ZOUAIN, D. M.	Turismo esportivo de experiência em museus e tours em estádios de futebol	Futebol	2019
MITIDIERI, M. C. de A.; ROCHA, L. M. G. M.	História do Rio Yacht Club: patrimônio esportivo como fonte primária de informação	latismo	2020
KLAFKE, A. B.; SILVEIRA, E. Da. S.	Tiro de Laço enquanto Patrimônio Imaterial do Rio Grande do Sul: um campo de conflitos	Tiro de Laço	2020

Quadro 1 - Artigos sobre Museus do Esporte e Patrimônio Esportivo. Fonte: Autoria própria (2020).

Autores	Título do Trabalho	Objeto de Estudo	Ano da Publicação
MITIDIERI, M. C. de A.	100 ANOS DO RIO YACHT CLUB: Um olhar museológico sobre a construção de um patrimônio	Acervo institucional	2017
SAUTER, S. S.	Acervos arquivísticos em instituições esportivas, militares e religiosas de Santa Maria, RS	Guia de acervos institucionais	2019

Quadro 2 - Dissertações e Teses sobre Museus do Esporte e Patrimônio Esportivo. Fonte: Autoria própria (2020).

<b>Autores</b>	<b>Título do Trabalho</b>	<b>Objeto de Estudo</b>	<b>Ano da Publicação</b>
ALMEIDA, R. de S.	Patrimônio e Memória: dimensões do estádio de futebol do Maracanã	Futebol	2010
OLIVEIRA NETO, W. de; GUEDES, S. P. L. de C.	Esporte e patrimônio cultural: o tiro e as sociedades de atiradores em São Bento do Sul no início do século 21	Tiro ao alvo	2011
SCIFONI, S.	Parque do Povo: um patrimônio do futebol de várzea em São Paulo	Futebol	2013
COUBE, R. J.; SANTOS, F. L.	Potencialidades que emergem do patrimônio; jogos dos povos indígenas do Brasil.	Diversas práticas corporais e esportivas	2013
SANTOS, J. J. dos.; BENEVIDES, E. A.; DONADON, A. M. C. P.	Vídeo Institucional Patrimônio Histórico de Votorantim "O Estádio de Nossas Vidas"	Futebol	2016
MITIDIERI, M. C. de A.; ROCHA, L. M. G. M.	A taça Jules Rimet: originalidade, autenticidade e valor no contexto do patrimônio esportivo musealizado	Futebol	2019

Quadro 3 - Trabalhos em Anais de Eventos sobre Museus do Esporte e Patrimônio Esportivo.  
Fonte: Autoria própria (2020).

Os dados apresentados nos quadros 1, 2 e 3 assinalam a relevância e o caráter inovador do projeto de pesquisa desenvolvido nos anos de 2014 e 2015 e que, mais adiante, traria resultados para além da pesquisa nas esferas da memória e do patrimônio do esporte paralímpico nacional. O referido projeto de pesquisa teve, como objetivo principal, compreender como se desenvolveu o esporte paralímpico no Brasil, desde a primeira participação de uma delegação brasileira em Jogos Paralímpicos, ocorrida no ano de 1972 até 2012, última edição em que uma representação brasileira esteve presente nos Jogos Paralímpicos, na época em que o projeto de pesquisa foi elaborado. Os pressupostos teórico-metodológicos desta pesquisa foram amparados na Nova História Cultural (BURKE, 2003) e na História Oral (ALBERTI, 2010). Neste sentido, sua execução englobou a coleta de entrevistas com atletas, técnicos desportivos, gestores e dirigentes do esporte paralímpico brasileiro que participaram e/ou que tiveram alguma ligação com as edições dos Jogos Paralímpicos de 1972 a 2012. As entrevistas, registradas com os recursos de câmera gravadora – imagem e áudio –, gravador de áudio e câmera fotográfica, foram transcritas na íntegra, sendo conservadas em arquivo digital. Este arquivo está alocado em um computador e num HD, adquiridos e utilizados especificamente para fins do desenvolvimento do projeto de pesquisa. Assim, teve início a composição do acervo digital da memória paralímpica brasileira, o qual, mais adiante, seria tornado público por meio da criação da plataforma virtual do Observatório. Considera-se que assim, houve uma aproximação do Observatório com a função de preservação, uma das características dos museus.

A coleta de informações por meio dos procedimentos da História Oral (ALBERTI, 2010), possibilitou a doação, por parte dos entrevistados, de materiais relativos ao

movimento paralímpico brasileiro, em especial, no formato digital, com a cedência de imagens (fotografias digitais), de documentos e de artefatos pertencentes aos seus acervos pessoais. O conjunto de materiais adquiridos neste processo serviu para a escrita e a publicação de trabalhos em periódicos científicos, em livros e em anais de eventos (aproximação da função de pesquisa dos museus), bem como para a produção de documentários e exposições sobre as memórias dos(as) participantes da pesquisa. Em busca da aproximação da função de comunicação dos museus, ainda no ano de 2013, o NEHME da UFRGS realizou uma exposição sobre a trajetória esportiva de Rosângela Dalcin (figura 1 e figura 2), atleta do tênis de mesa paralímpico. A exposição ocorreu no 39º Encontro Nacional dos Profissionais de Educação Física (ENAPEF), realizado na cidade de Tramandaí/RS. Esta se constituiu em uma das ações que antecedeu e que serviu de base à criação do Observatório.



Figura 1 - Foder da Exposição "A trajetória esportiva de Rosângela Dalcin". Fonte: Acervo do NEHME/UFRGS.



Figura 2 - Hall da Exposição "A trajetória esportiva de Rosângela Dalcin". Fonte: Acervo do NEHME/UFRGS.

Ao final do desenvolvimento do projeto de pesquisa supracitado, em 2015, o Observatório do Esporte Paralímpico foi idealizado, sendo planejada e construída a sua

plataforma virtual<sup>9</sup> (figura 3), disponibilizada para acesso público em 2016. Este espaço passou a se constituir em um acervo virtual da memória paralímpica brasileira, onde, na época, foram tornados públicos todos os materiais coletados e produzidos por intermédio do projeto de pesquisa supramencionado. A idealização deste “acervo paralímpico”, no formato virtual, conformou-se como uma iniciativa inovadora no tocante à memória esportiva nacional, uma vez que os bens culturais produzidos pelos sujeitos constituintes do esporte paralímpico, no país, passaram a dispor de um “lugar de memória” (NORA, 1993), no qual estes bens passam a ser salvaguardados enquanto um patrimônio esportivo. Um bem cultural musealizado, conforme Chagas (1996), para além de sua função de objeto ou documento, por exemplo, ganha novos sentidos, significados e representações, servindo como fonte de informação e pesquisa, na medida em que são preservados e divulgados.



Figura 3 - Plataforma virtual do Observatório do Esporte Paralímpico. Fonte: <https://www.ufrgs.br/nehmeparalimpico/>.

Inicialmente, o Observatório do Esporte Paralímpico foi constituído como uma plataforma virtual sobre a memória do movimento paralímpico brasileiro, principalmente, no âmbito do alto rendimento esportivo. Com o passar dos anos e com o desenvolvimento de novas ações – como exposições e oficinas em universidades e escolas –, além de produzir e de difundir conteúdos (audiovisuais e escritos), também passou a estabelecer interação, presencial e virtual, com o universo do esporte para pessoas com deficiência. De forma ampliada, a interatividade passou a englobar familiares dos atletas (pais, irmãos, cuidadores/responsáveis) e profissionais (professores, técnicos, gestores, dirigentes), sobretudo, da área da Educação Física,

<sup>9</sup> Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/nehmeparalimpico/>> Acesso em: 26 fev. 2021.

bem como entidades relativas à pessoa com deficiência ou diretamente ligadas ao esporte paralímpico.

Atualmente, o desenvolvimento das ações do Observatório envolve estudantes de graduação, de mestrado, de doutorado e estágio de pós-doutorado, da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID) e do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano (PPGCMH) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Além disso, conta com parcerias de universidades do Rio Grande do Sul, e de outros estados brasileiros (Santa Catarina; Minas Gerais; Sergipe; Roraima), de caráter público e privado, bem como de entidades esportivas locais e nacionais. Através das parcerias com as instituições, são fomentadas as funções de preservar, pesquisar e comunicar pelo Observatório. Nos tópicos que seguem, buscamos evidenciar ações desenvolvidas pelo Observatório – amparadas nestes três alicerces –, dialogando com as noções de memórias e culturas e com a perspectiva museal enquanto entidade “desterritorializada” (LÉVY, 2010, p. 49).

### **Ações do Observatório do Esporte Paralímpico**

Na contemporaneidade, pressupõe-se uma ideia de museus não mais como espaços físicos destinados unicamente à visita, mas, sim, enquanto entidades que desempenham papel ativo para o desenvolvimento da sociedade, para a qual devem ser criadas oportunidades à sua participação efetiva nas ações museais (DUARTE, 2013). Nesta perspectiva, o fazer museal busca cumprir uma função social ampla e integral, de modo a desconstruir a concepção de museu ligada a um público delimitado e prioritariamente elitista. A função social dos museus na atualidade requer a aproximação dos museus com as comunidades, incluindo grupos que, até então, dificilmente possuíam algum acesso e representação aos espaços ligados aos patrimônios culturais e naturais da humanidade, como os museus tradicionais (BEZERRA; OLIVEIRA; SERRES, 2016).

Para Abreu e Chagas (2009), trabalhar no âmbito do patrimônio cultural, especificamente, é uma forma para não apenas se entender a sua relação com a sociedade, mas, sim, para se compreender a própria sociedade, levando em consideração os seus problemas e promovendo a tomada de consciência social quanto ao seu contexto. Uma vez que os bens culturais fazem parte da constituição dos grupos sociais, quando musealizados, devem estar à disposição e a serviço do desenvolvimento de todos. Para tanto, a interdisciplinaridade e, inclusive, a

transdisciplinaridade, se fazem cada vez mais presentes e relevantes nas ações de educação da memória. Segundo Bruno (2011, p. 30), a educação da memória “buscar um sentido ao abandono, às memórias silenciadas ou exiladas, garantindo a administração dos seus respectivos indicadores – materiais e imateriais”.

Nesta direção, dentre as atividades de interlocução do Observatório com a sociedade, destacamos a ação educativa realizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental Vereador Carlos Pessoa de Brum, localizada no Bairro Restinga Velha, em Porto Alegre/RS, desenvolvida em parceria com o Centro de Memória do Esporte (CEME), da ESEFID/UFRGS, por ocasião da 13ª Primavera dos Museus do Instituto Brasileiro dos Museus (IBRAM), ocorrida no ano de 2019. As decisões de curadoria no processo de desenvolvimento desta ação educativa englobaram quatro momentos. O primeiro buscou o amparo no referencial teórico da “educação da memória”, estimulando a ressignificação das memórias invisibilizadas no que tange a um grupo de indivíduos presente em número significativo na referida escola: os(as) estudantes com deficiência. Em seguida, tratou-se de averiguar o contexto social, cultural, econômico, o espaço físico, bem como as necessidades e os anseios do público-alvo, incluindo toda a comunidade escolar (estudantes, professores, coordenação, direção). Na sequência, procedeu-se o embasamento em pesquisas para a delimitação das oficinas e da sequência didático-pedagógica a ser adotada no ato de desenvolvimento da ação. No quarto momento, ocorreu o planejamento das etapas da ação em reunião coletiva com a coordenadora do Observatório, os(as) professores(as) e estudantes de graduação e pós-graduação envolvidos(as) com a ação.

As ações promovidas foram as seguintes: a) Roda de conversa com o professor de Educação Física e técnico de esgrima em cadeira de rodas do clube Grêmio Náutico União (GNU), Maurício Stempniak, que relatou aspectos da sua trajetória de vida como atleta com deficiência e, posteriormente, como técnico do esporte paralímpico (figura 4); b) Oficinas sobre as modalidades de esgrima em cadeira de rodas, judô paralímpico e voleibol sentado (figura 5); c) Visita guiada a pôsteres sobre memórias esportivas paralímpica e olímpica. Participaram da ação estudantes do ensino fundamental, de oito a 11 anos, acompanhados por suas professoras. Ressalta-se que no momento inicial das atividades, notou-se a presença de uma mãe acompanhando o filho, que se deslocava com muito esforço utilizando um par de muletas. Ela ficou muito emocionada quando viu o filho jogando voleibol sentado e sendo cumprimentado pelos colegas devido ao bom desempenho no jogo. A mãe deste estudante solicitou para a professora de Educação Física da escola nosso contato para fazer um agradecimento.



Figura 4 - Roda de conversa sobre esgrima paralímpica na EMEF Vereador Carlos Pessoa de Brum. Fonte: Acervo do CEME/UFRGS.



Figura 5 - Oficina sobre voleibol sentado na EMEF Vereador Carlos Pessoa de Brum. Fonte: Acervo do CEME/UFRGS.

A ação educativa supracitada, afora as ressonâncias deixadas à escola, com o incremento do olhar da direção e de professores(as) à temática do esporte paralímpico, tiveram outros desdobramentos, tais como a participação de um estudante com deficiência física em atividades esportivas realizadas na ESEFID/UFRGS, além do estabelecimento de uma parceria permanente com a escola, de modo a auxiliar na adoção deste tema como conteúdo transversal de ensino naquele ambiente educacional. Ainda em 2019, na IV Mostra de Iniciação Científica do Brum – evento promovido pela escola supracitada –, o mencionado estudante apresentou trabalho sobre a história do esporte paralímpico (figura 6). Por intermédio de parcerias como esta e com outras escolas, buscamos transcender os muros da universidade, atendendo aos

pressupostos de preservação, pesquisa e comunicação que regem os museus, sejam estes *in loco* ou virtuais.



Figura 6 - IV Mostra de Iniciação Científica do Brum. Legenda: Na imagem, o estudante Thierry e a professora de Educação Física da EMEF Pessoa de Brum, Adriana Soares. Fonte: Acervo do Observatório/UFRGS.

Em outro contexto, citamos a inserção do Observatório na equipe de voluntariado das Paralimpíadas Escolares – evento esportivo nacional para escolares com deficiência –, nos anos de 2018 e 2019, onde foram coletadas informações e artefatos para a composição de acervo do esporte paralímpico escolar (figura 7 e figura 8). Por esta temática, o Observatório foi premiado no III Concurso de Artigos Científicos da Comissão do Esporte da Câmara dos Deputados<sup>10</sup>, em 2019.



Figura 7 e 8 - Artefatos das Paralimpíadas Escolares 2017, 2018 e 2019. Fonte: Acervo do Observatório/UFRGS.

Os objetos das figuras 7 e 8 constituem-se em patrimônio cultural do esporte paralímpico escolar nacional, tendo representações construídas por um grupo de

<sup>10</sup> O artigo premiado intitula-se “Legados das Paralimpíadas Escolares para o Esporte Paralímpico no Brasil”, com autoria de Giandra Anceski Bataglion e Janice Zarpellon Mazo. Disponível em: <<http://e-legis.camara.leg.br/cefor/index.php/e-legis/article/view/566>> Acesso em: 26 fev. 2021.

indivíduos que compartilhou espaços e tempos, desenvolvendo narrativas e memórias coletivas às Paralimpíadas Escolares. No decorrer do tempo, tais artefatos conferem significados não apenas para aqueles(as) que os conquistaram e/ou para as instituições que os idealizaram, mas, sim, atuam em uma dimensão maior da sociedade. Segundo Halbwachs (2006), as “lembranças afetivas” acerca dos objetos são reconstruídas constantemente na medida que os indivíduos convivem e interagem com outras pessoas e grupos sociais. Portanto, as memórias quanto ao objeto são ressignificadas constantemente, levando em consideração os testemunhos do processo de rememoração. Ao tornar os artefatos em bens esportivos musealizados<sup>11</sup>, o Observatório passa a fazer parte deste processo, influenciando à memória coletiva dos objetos e do evento esportivo citado por intermédio de ações presenciais e virtuais.

Faz-se pertinente esclarecer que os artefatos das figuras 7 e 8 fazem parte do acervo físico do Observatório, estando sob guarda das autoras deste texto, tendo em vista que o Observatório ainda não dispõe de um espaço físico próprio em sua sede, a ESEFID/UFRGS. Após a obtenção de um artefato ou objeto, o que, até o momento, ocorreu por meio de coleta e/ou doação, o Observatório emprega os procedimentos de documentação de acervo museológico, sendo atribuído número de identificação e criando-se uma ficha de catalogação para cada novo objeto. A partir disto, é mantido em reserva técnica, de modo a ser preservado enquanto não está em exposição. A fim de potencializar as formas de preservação, de pesquisa e de comunicação, os objetos adquiridos para o acervo físico do Observatório são guardados, também, em seu acervo digital, sendo fotografados, digitalizados, devidamente identificados e catalogados em arquivo digital para, posteriormente, integrarem a sua plataforma virtual. Conforme Teixeira (2014, p. 233), o termo museu virtual comporta tanto acervos e coleções que existem “no mundo físico/real” e passaram pelo processo de “conversão digital”, quanto aqueles que foram criados, diretamente, a partir do meio digital.

### **Desafios do Observatório do Esporte Paralímpico em razão da pandemia**

Desde sua idealização, o Observatório do Esporte Paralímpico adotou a plataforma virtual como *lócus* principal de materialização de suas ações no que se refere ao preservar, ao pesquisar e ao comunicar. Como exposto nos tópicos anteriores, este

---

<sup>11</sup> Para Chagas (1996), constituem-se em um “bem musealizado”, todo objeto que passa a fazer parte do acervo de um museu, estando sob proteção deste, enquanto patrimônio museológico. Em consonância, Teixeira (2014, p. 227) assinala que “o museu virtual não existe no mundo real/físico, mas existe a coleção de documentos diversificados e para a Museologia esses documentos são considerados objetos musealizados”.

espaço virtual foi constituído a fim de tornar públicas todas as informações coletadas, como entrevistas, imagens, documentos, bem como documentários, exposições e pesquisas realizadas para disseminar tais conteúdos à sociedade. Entretanto, os processos de composição das ações do Observatório, até que elas chegassem ao público interessado, ficavam um tanto restritos aos seus integrantes. No ano de 2020, com a chegada da pandemia de COVID-19, o Observatório criou suas páginas nas redes sociais *Facebook*, *Instagram* e *Twitter*. Nestes espaços virtuais, passaram-se a desenvolver ações que possibilitassem a participação dos agentes do movimento paralímpico brasileiro em todo o processo das ações museais, então planejadas e colocadas em prática de modo virtual devido à necessidade do distanciamento social.

Acredita-se, que esta foi uma oportunidade de aproximar ainda mais o Observatório dos grupos interessados, bem como de expor as memórias do esporte paralímpico para pessoas que desconheciam o assunto. Ademais, as ações do Observatório procuraram registrar as memórias do esporte paralímpico brasileiro na pandemia de COVID-19, coletando e tornando públicas informações sobre os treinos de atletas paralímpicos durante o distanciamento social, o trabalho de técnicos desportivos e de outros profissionais junto a estes atletas, as iniciativas dos agentes e das entidades do esporte paralímpico no Brasil durante este período (BATAGLIONI; MAZO, 2020).

Percebe-se que não exclusivamente o Observatório, mas os museus em geral tiveram que se adaptar à situação do distanciamento social e buscar interagir utilizando as mídias virtuais, em especial, as redes sociais, promovendo *lives*, exposições virtuais, cursos de capacitação *online*, dentre outras ações. Esta não foi uma tarefa fácil por diferentes motivos, mas aos poucos as ações foram planejadas e executadas. Neste texto, vamos apresentar duas ações que foram desenvolvidas pelo Observatório: a) Rodas de Conversa *Online*; b) Exposição de Si no Esporte Paralímpico.

A ação “Rodas de Conversa Online” foi desenvolvida em parceria com o Centro de Memória do Esporte (CEME), da ESEFID/UFRGS, por ocasião da 14ª Primavera dos Museus do Instituto Brasileiro dos Museus (IBRAM), ocorrida no período de 21 a 27 de setembro de 2020 de forma virtual. Dentre as atividades realizadas pelo CEME neste evento, o Observatório esteve em parceria na Roda de Conversa *Online* sobre o “Paradesporto Gaúcho”, com a participação de Rotechild Santos Prestes, e; na Roda de Conversa *Online* sobre o “Paradesporto em Manaus”, com a participação de Andréia Santos (figura 9). Esta se constituiu em uma ação na qual os convidados tiveram a oportunidade de compartilhar as suas memórias a respeito do esporte para pessoas

com deficiência nos diferentes contextos, de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul e de Manaus, no Amazonas, onde ambos atuam no desenvolvimento de tais práticas.

Além de reconstituir, registrar e divulgar as memórias do esporte para pessoas com deficiência, destaca-se o potencial de trocas culturais que este tipo de ação proporciona, uma vez que, para além do diálogo estabelecido entre participantes e mediadores do evento, tem-se a participação de espectadores de diferentes regiões do país e, inclusive, de fora dele. Para Abreu e Chagas (2009), a cultura promove a aproximação e a interação entre pessoas, até mesmo de localidades geográficas distintas e, deste modo, pode influenciar a construção política, econômica e social de cada grupo em sociedade. No intermim deste conjunto de relações sociais, são reconstituídos acontecimentos e experiências do passado, os quais são rememorados e expostos com base no contexto social, no grupo de interesse e nos testemunhos do tempo presente. É desta maneira que, segundo Halbwachs (2006), a memória coletiva reconstrói e ressignifica os fatos do passado, apresentando narrativas que tendem a convergir para as necessidades do presente.



Figura 9 - Roda de Conversa Online sobre o Paradesporto em Manaus. Fonte: Acervo do Observatório/UFRGS.

Ressalta-se que a Roda de Conversa *Online* não se encerra no ato da finalização da transmissão ao vivo, havendo continuidade nas lembranças e reconstituições de memórias do passado, assim como na constituição de novas memórias, posteriormente, por intermédio da ferramenta “comentários”. Vale pontuar a potencialidade de se alcançar maiores públicos tanto no ato da transmissão quanto aqueles que optam pelo acesso ao material gravado e disponibilizado nas redes sociais e no canal de YouTube.

Por sua vez, a “Exposição de Si no Esporte Paralímpico” consiste em uma exposição virtual – realizada por meio de fotografias –, a qual foi inaugurada no Dia Nacional do(a) Atleta Paralímpico(a) e Dia do Paradesporto Gaúcho, 22 de setembro de 2020, sendo iniciada em forma de desafio nas redes sociais do *Facebook* e *Instagram*

do Observatório. O termo “Exposição de Si” foi inspirado no texto de Furtado (2013), para o qual a fotografia é um artefato cultural, representado e entendido como “documento, monumento, lugar de memória e exposição” (p. 1).

Esta ação teve o seguinte título “DESAFIO: Exposição de Si”; e o seguinte texto explicativo: “Desafio do Observatório do Esporte Paralímpico para os(as) atletas, estudantes, professores(as), técnicos(as), gestores(as) e outras pessoas ligadas ao esporte paralímpico do Brasil. Poste a foto de um objeto que lhe traga recordações sobre o esporte paralímpico e que você considere especial, acompanhada de uma frase representativa dos significados deste objeto para você. Para participar, publique em sua linha do tempo com a #Desafioaceito e marque o @observatorioparalimpico<sup>12</sup> (Facebook) e/ou o @observatorio\_esefid\_ufrgs<sup>13</sup> (Instagram). Ao final, desafie outra(s) pessoa(s) a participar. Por meio deste desafio, buscamos registrar e divulgar as memórias dos sujeitos envolvidos com a história do Movimento Paralímpico Brasileiro. Ao participar da “Exposição de Si”, você estará contribuindo para preservar as memórias do esporte paralímpico nacional, bem como estará disponibilizando fontes (informações e imagens) para futuras pesquisas do Observatório. Se você é ou foi atleta, ou profissional, ou simpatizante do esporte paralímpico, participe da “Exposição de Si!”.

A “Exposição de Si no Esporte Paralímpico” contou com participação local, regional e nacional. Se engajaram pessoas dos estados do Rio Grande do Sul – em sua maioria, certamente em função da sede do Observatório estar neste estado, gerando maior número de seguidores nas redes sociais –, de Minas Gerais, de Sergipe e de Roraima. A ação congregou aproximadamente 80 fotografias, acompanhadas de seus respectivos textos, as quais envolviam as memórias dos participantes em treinos, eventos e competições do esporte paralímpico; artefatos pessoais relativos ao esporte paralímpico; ações acadêmicas e científicas do esporte paralímpico; bem como iniciativas no âmbito dos direitos das pessoas com deficiência em geral, isto é, não exclusivas ao esporte.

<sup>12</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/observatorioparalimpico>> Acesso em: 26 fev. 2021.

<sup>13</sup> Disponível em: <[https://www.instagram.com/observatorio\\_esefid\\_ufrgs/?igshid=104wjax5i6cmr](https://www.instagram.com/observatorio_esefid_ufrgs/?igshid=104wjax5i6cmr)> Acesso em: 26 fev. 2021.



Figura 10 - Participação de Ester Liberato Pereira na Exposição de Si no Esporte Paralímpico. Legenda: Na imagem, Ester Liberato Pereira está na companhia do atleta de hipismo paralímpico, Marcos Fernandes Alves (Joca), que mostra suas medalhas após conceder entrevista para a pesquisadora do Observatório. Fonte: Acervo do Observatório/UFRGS.

Cabe dizer que, neste texto, entende-se as fotografias como objetos, recebendo outros sentidos e representações, para além dos pessoais, a partir do momento em que são tornados bens musealizados, conforme Chagas (1996). É neste sentido que, além de reunir, preservar e divulgar memórias, tal ação do Observatório serve como fonte de informações para futuras pesquisas sobre distintos objetos de investigação no âmbito do esporte para pessoas com deficiência no Brasil. Ainda, nesta perspectiva, vale mencionar que, no processo inicial de concepção de uma fotografia, busca-se “cristalizar” uma imagem (momento/instante). Para Furtado (2013, p. 119), tal processo “inicia-se com a cena, um momento real, emoldurado pela lente da máquina [câmera]”. Todavia, continua o autor, após capturada a imagem, “não se pode prever sua trajetória enquanto artefato cultural, os usos, as leituras e significados” pelos quais a fotografia passará (2013, p. 119). Isto porque, o objeto – a fotografia – está atrelado às memórias de um determinado grupo social, que participa coletivamente do processo de rememoração e representação acerca do objeto (HALBWACHS, 2006). Ainda que a fotografia faça parte de um acervo pessoal, os significados atribuídos a ela são influenciados pelas relações interpessoais de quem a guarda. E, ao ser divulgada no espaço virtual, a fotografia tem as suas representações do passado compartilhadas coletivamente, constituindo a manifestação de uma memória coletiva, desde que esta seja reconhecida por um grupo significativo de pessoas.

Segundo Rendeiro e Ribeiro (2017), a memória nos museus virtuais merece uma atenção especial no que concerne às narrativas e trajetórias dos sujeitos. Assim, a etapa de investigação ganha uma importância maior neste tipo de museu, pois, na sua

ausência, os objetos adquiridos podem acabar ficando expostos a “uma análise redutora de simples mercantilização da memória (ainda que ela exista), pois aponta para o hábito, já consolidado dentro das redes sociais, de colecionar fotografias, depoimentos, imagens e vídeos, objetos virtuais, emblemas do simbólico e da identificação”, de acordo com os autores (2017, p. 5). Neste sentido, Pires e Faria (2020) ponderam que a ausência de pesquisa em um museu faz dele um lugar de guarda de conhecimento, sem, no entanto, explorar o seu potencial educacional e cultural à sociedade.

A fotografia pode conformar-se tanto em um objeto de exposição quanto na exposição do conteúdo nela capturado (FURTADO, 2013). Contudo, se faz relevante considerar que, no universo das culturas digitais contemporâneas (LÉVY, 1996), a fotografia ganha outras funções, para além da guarda e da perpetuação de memórias e recordações. Nas redes sociais, a fotografia, conforme Rendeiro e Ribeiro (2017, p. 5) é “a chance de criar novas realidades, configurar a si mesmo, [...] compor um mosaico de interesses, propagador de suas ideias na expressão de seus sentimentos”.

Ressalta-se, assim, a essencialidade da pesquisa histórica dos objetos museais a fim de analisá-los e interpretá-los. Ao se debruçar às evidências dos objetos, “as informações intrínsecas e extrínsecas vinculadas a essas materialidades evocam memórias que permitem a construção de significados que permeiam seu caráter imaterial” (PIRES; FARIA, 2020). Neste caminho, por meio do desenvolvimento de pesquisas nos cursos de doutorado, mestrado e iniciação científica, o Observatório busca dar outros sentidos aos seus acervos virtuais, codificando, analisando e problematizando as evidências que neles se fazem presentes. Posteriormente, os artefatos e documentos retornam para o acervo da plataforma virtual em formato de pesquisa, então publicada em periódicos e outros meios de divulgação científica. Esta se constitui em uma das formas de comunicação dos acervos do Observatório.

O processo de transição do Observatório do Esporte Paralímpico para se constituir em um museu virtual universitário engloba o refinamento dos procedimentos de documentação de acervo na dimensão do museu virtual. Catalogar, conservar e divulgar item a item de forma sistematizada é um de nossos desafios. Sobretudo, favorecer o acesso às memórias do esporte paralímpico por meio, por exemplo, de um *tour* virtual construído com imagens reais, é uma de nossas iniciativas futuras. Acredita-se que um museu 360° seria uma forma mais organizada para se disponibilizar ao público os materiais já adquiridos pelo Observatório, não somente aqueles da Exposição de Si, mas todos já reunidos e os que ainda serão obtidos. Todavia, ponderamos que

isto necessita de tecnologias específicas e de recursos humanos capacitados (com competências técnicas no âmbito digital) para o desenvolvimento do trabalho.

Cabe registrar que o Observatório foi criado a partir de recursos financeiros oriundos do projeto de pesquisa anteriormente mencionado e aprovado em edital do CNPq e Ministério do Esporte. Entretanto, pondera-se que, após o seu encerramento, em 2015, o Observatório passou a ter as suas ações desenvolvidas sem recursos destinados especificamente para tal finalidade. Por meio da UFRGS, tem-se um(a) estudante de graduação a cada semestre letivo para se dedicar às atividades do Observatório. Afora isto, a iniciativa é mantida com o trabalho da coordenação e com o auxílio de estudantes de mestrado e doutorado e, por vezes, de voluntários. Tal situação não diminui a relevância e a qualidade do trabalho realizado, mas é preciso reconhecer que implica no caminhar em passos lentos e, muitas vezes, em realizar ações de forma artesanal, com as condições disponíveis em cada momento.

### **Considerações Finais**

Desde o início de sua trajetória, iniciada em 2015, o Observatório do Esporte Paralímpico tem apostado nos recursos digitais e virtuais para a preservação e difusão da memória paralímpica brasileira, sem descartar as ações *in loco*. Nestes cinco anos, consideramos ter alcançado os objetivos traçados, materializando a ideia de aproximar o acervo paralímpico das pessoas por meio de oficinas, palestras e exposições em instituições de ensino, bem como a partir de ações desenvolvidas na plataforma virtual (*site*), no canal de *Youtube* e nas redes sociais do Observatório. Ao mesmo tempo, o acervo paralímpico vem sendo utilizado como fonte de pesquisas, culminando na produção de conhecimentos acadêmicos e científicos já disponíveis em formato de teses, dissertações, trabalhos de conclusão de curso, capítulos de livro, e artigos científicos publicados em periódicos nacionais e internacionais.

Entendemos que, ao dar visibilidade às memórias e histórias do esporte paralímpico brasileiro e ao afirmar o direito da pessoa com deficiência à prática esportiva, também estimulamos a valorização dos(as) atletas e dos(as) profissionais que atuam ou atuaram nesta área do esporte no país. De tal modo, buscamos reconstituir e salvaguardar o patrimônio paralímpico brasileiro. Um de nossos desafios está em tornar a plataforma virtual do Observatório mais acessível às pessoas com deficiência, implantando recursos e ferramentas de acessibilidade na comunicação como a audiodescrição e a legendagem. Ademais, temos a perspectiva futura de

implantar um museu 360° com *software* disponível para a visita guiada – com áudio-guias. Almejamos, deste modo, oferecer uma experiência mais significativa para o público.

Como consideração para investigações futuras, entendemos que existem indicativos sólidos de que esta tarefa necessita ser contínua, uma vez que o museu virtual não se encontra completamente constituído, necessitando sempre de adequações. Há, ainda, o imperativo contínuo de revisões e atualizações para que a interconexão permaneça, consecutivamente, em afinidade com os interesses e necessidades dos usuários que a acessam. Por fim, o desafio de transformar o Observatório em um museu virtual universitário continua no tempo presente.

## Referências

- ABREU, R.; CHAGAS, M. (Orgs.). *Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.
- SJÖBLOM, K. Esportes e arquivos: um panorama internacional do debate. *Acervo: revista do arquivo nacional, Dossiê temático Arquivos e Esporte*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 13-17, jul/dez, 2014.
- ALBERTI, V. Fontes Orais: histórias dentro da história. In: PINSKY, C. B. (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2. ed., 2010. p. 155-202.
- ALMEIDA, R. de S. *Patrimônio e Memória: dimensões do estádio de futebol do Maracanã*. In: *Anais do XIV Encontro Regional da ANPUH-RIO*, 2010.
- BATAGLIONI, G. A.; MAZO, J. Z. Legados das Paralimpíadas Escolares para o Esporte Paralímpico no Brasil. *Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação da Câmara dos Deputados*, v. 12, p. 24-47, 2019.
- BATAGLIONI, G. A.; MAZO, J. Z. Movimento paraolímpico brasileiro nos ensejos da pandemia de COVID-19: isolamento social e representações sociais na mídia digital. *Revista Thema*, v. 18, n. Especial, p. 70-91, 2020.
- BARROS, J. D'A. Fontes Históricas: revisitando alguns aspectos primordiais para a Pesquisa Histórica. *Mouseion: Revista do Museu e Arquivo Histórico La Salle*, n. 12, p. 129-159, 2012.
- BEZERRA, D. B.; OLIVEIRA, P. C.; SERRES, J. C. P. *Cibermuseus e memória na rede: o Museu das Coisas Banais (MCB) como meio e lugar de memória*. *Museologia e Patrimônio*, v. 9, n. 2, p. 137-159, 2016.
- BEZERRA, M. F.; CURVELLO, P. H.; ZOUAIN, D. M. Turismo esportivo de experiência em museus e tours em estádios de futebol. *Caderno Virtual de Turismo*, v. 19, n. 3, p. 1-14, 2019.
- BRASIL. Decreto nº 6.949/2009. *Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência*. Disponível em:

<[http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/sites/default/files/publicacoes/convencao\\_pessoascomdeficiencia.pdf](http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/sites/default/files/publicacoes/convencao_pessoascomdeficiencia.pdf).> Acesso em: 22 out. 2020.

BRUNO, M. C. O. Museologia: entre abandono e destino. *Museologia & Interdisciplinaridade*, v. 9, n. 17, p. 19-28, 2020.

BURKE, P. Hibridismo Cultural. São Leopoldo: UNISINOS, 2003.

CHAGAS, M. *Museália*. JC Editora, 1996.

COUBE, R. J.; SANTOS, F. L. *Potencialidades que emergem do patrimônio*; jogos dos povos indígenas do Brasil. In: Anais do V Simpósio Nacional da Cultura Corporal e Povos Indígenas/I Seminário Internacional de Educação Física, Esportes e Comunidades Tradicionais, 2013.

DUARTE, A. Nova Museologia: pontapés de saída de uma abordagem ainda inovadora. *Museologia e Patrimônio*, v. 6, n. 1, p. 99-117, 2013.

FERRÃO, A. M. de A. *Pacaembu*: Patrimônio de São Paulo. Templo do futebol do Brasil. In: Abaco, 2013.

FLICK, U. *Introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FURTADO, J. G. E. Exposição de Si. *Cadernos de História*, v.1, n. 20, p. 118-131, 2013.

GIANNACHI, G.; et al. Time Trails: patrimônio digital em presença no nosso dia a dia. *Revista Brasileira de Estudos da Presença*, v. 4, n. 1, p. 97-114, 2014.

GONÇALVES, M. A. R.; PEREIRA, V. O. Educação e patrimônio: notas sobre o diálogo entre a escola e a capoeira. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 62, p. 74-90, 2015.

GUSSO, L. de C. S.; TOBAR, F. B. O futebol e o discurso da patrimonialização cultural: consequências legais e econômicas em decorrência dos processos de tombamento e registros de entidades desportivas. *Constituição, Economia e Desenvolvimento: Revista da Academia Brasileira de Direito Constitucional*, v. 7, n. 13, p. 517-543, 2015.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

KLAFKE, A. B.; SILVEIRA, E. Da. S. Tiro de Laço enquanto Patrimônio Imaterial do Rio Grande do Sul: um campo de conflitos. *Temporalidades - Revista de História*, v. 12, n. 1, p. 846-867, 2020.

LÉVY, P. *Cibercultura*. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 2010.

LÉVY, P. *O que é virtual*. São Paulo: Editora 34, 1996.

LUCCHESI, A. Por um debate sobre historiografia digital. *Boletim Historiar*, v. 2 n. 2, p. 45-57, 2014.

MAGNANI, J. G. C.; MORGADO, N. Tombamento do Parque do Povo: futebol de várzea também é patrimônio. *Revista do Patrimônio do IPHAN*, n. 24, p. 1-15, 1996.

MELO, V. A. de; FONSECA, V. P. L.; FARIA, F. Patrimônio Esportivo: Um tema de investigação. *Projeto História*, v. 59, p.261-284, 2017.

- MITIDIERI, M. C. de A. *100 Anos do Rio Yacht Club: Um olhar museológico sobre a construção de um patrimônio*. 2017, 187 f. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.
- MITIDIERI, M. C. de A.; ROCHA, L. M. G. M. *A taça Jules Rimet: originalidade, autenticidade e valor no contexto do patrimônio esportivo musealizado*. In: *Anais do XX ENANCIB – A ciência da informação e a era da ciência dos dados*, Florianópolis, 2019.
- MITIDIERI, M. C. de A.; ROCHA, L. M. G. M. *História do Rio Yacht Club: patrimônio esportivo como fonte primária de informação*. *Recorde*, v. 13, n. 1, p. 1-16, 2020.
- MITIDIERI, M. C. de A.; ROCHA, L. M. G. M. *Patrimônio esportivo imaterial. Do mundial ao municipal: o tombamento do “bola pesada” em Niterói*. *Recorde*, v. 12, n. 1, p. 1-16, 2019.
- NETO, W. de O.; GUEDES, S. P. L. De C. *Esporte e patrimônio cultural: o tiro e as sociedades de atiradores em São Bento do Sul no início do século 21*. In: *Anais do Seminário Internacional História do Tempo Presente*, Florianópolis, 2011, p. 2004-2017.
- NORA, Pierre. *Entre a história e a memória: a problemática dos lugares*. In: *Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História*, São Paulo, 1993.
- NUNES, J. R.; FIGUEIREDO, S. *Referências culturais e patrimônio: o Mangueirão, em Belém, PA*. *Papers do NAEA*, v. 28, n. 3, p. 1434-1445, 2019.
- OLIVEIRA NETO, W. de; GUEDES, S. P. L. de C. *Esporte e patrimônio cultural: o tiro e as sociedades de atiradores em São Bento do Sul no início do século 21*. In: *Anais do I Seminário Internacional História do Tempo Presente*. Universidade da Região de Joinville, 2011.
- PELLEGRINI, S. C. A. *Patrimônio Cultural: consciência e preservação*. São Paulo: Brasiliense, 2009.
- PENEREIRO, J. C.; CABRINI, F. P. H. *A visibilidade dos esportes e jogos por meio da filatelia brasileira*. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 35, n. 4, p. 865-881, 2013.
- PIRES, K. T. A.; FARIA, A. C. G. De. *Pesquisa museológica: uma ferramenta para a produção de conhecimento científico e educativo - um estudo de caso no Acervo Museológico dos Laboratórios de Ensino de Física da UFRGS*. *Museologia e Patrimônio*, v. 13, n.1, p. 216-233, 2020.
- RIBEIRO, L.; CAL, D. *Museus na era virtual: Uma análise das redes sociais digitais do Museu da UFPA*. *Museologia e Patrimônio*, v. 12, n. 2, p. 131-160, 2019.
- SANTOS, J. J. dos.; BENEVIDES, E. A.; DONADON, A. M. C. P. *Vídeo Institucional Patrimônio Histórico de Votorantim “O Estádio de Nossas Vidas”*. In: *Anais Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXIII Prêmio Expocom 2016 – Exposição da Pesquisa Experimental em Comunicação*, 2016, p. 1-10.
- SAUTER, S. S. *Acervos arquivísticos em instituições esportivas, militares e religiosas de Santa Maria, RS*. 2019, 87f. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural) - Universidade Federal de Santa Maria, 2019.

SCIFONI, S. *Parque do Povo: um patrimônio do futebol de várzea em São Paulo*. In: Anais do Museu Paulista, 2013.

SOUSA, A.; CORREDEIRA, R.; PEREIRA, A. L. Narrativa vivida no desporto paralímpico português. In: RUBIO, K. *Preservação da memória: a responsabilidade social dos Jogos Olímpicos*. Képos: São Paulo, 2014, p. 139-164.

TEIXEIRA, R. da S. Museu virtual: um novo olhar para a informação e comunicação na museologia. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v. 19, n. 4, p. 226-238, 2014.

VARINE, Hugues de. *A Nova Museologia: ficção ou realidade*. In: POSSAMAI, Zita; LEAL, Elisabete (Orgs.). *Museologia Social*. Porto Alegre: UE/Secretaria Municipal da Cultura. 2000, p. 21-33.

ZORZO, F. A. A cultura urbana contemporânea e os estudos interdisciplinares – o caso do patrimônio cultural ligado aos megaeventos esportivos dos anos 2010. *Políticas Culturais em Revista*, v. 2, n. 6, p. 14-27, 2013.

---

Data de recebimento: 26.02.2021

Data de aceite: 16.03.2021